

**DISCURSO EM ANÁLISE: UMA REFLEXÃO SOBRE A LUTA DE CLASSES
MATERIALIZADA NO DISCURSO ACERCA DA PANDEMIA DA COVID-19**

**DISCOURSE UNDER ANALYSIS: A REFLECTION ON THE CLASS
STRUGGLE MATERIALIZED IN THE DISCOURSE ABOUT THE COVID-19
PANDEMIC**

Naiara Souza da Silva¹

Universidade Federal de Pelotas

Mariana Jantsch de Souza²

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense

Resumo: Com filiação à Análise de Discurso de tradição em Michel Pêcheux, buscamos neste texto romper com os efeitos de evidência acerca de sentidos construídos a respeito da Covid-19, expondo o olhar leitor à opacidade dos sentidos. Eis, a nosso entender, o papel da linguagem na reflexão de temas públicos em tempos da pandemia: compreender os sentidos que são ditos a seu respeito, mas, também, e, sobretudo, aqueles que não são ditos e significam, (re)produzindo sentidos. Para isso, trazemos para análise, um recorte de um discurso representativo de uma classe privilegiada no sistema de produção capitalista em que vivemos, cujos efeitos de sentido textualizam, em nossa opinião, seus interesses. Nosso objetivo é compreender como sujeitos inscritos em uma posição-sujeito favorecida economicamente, significam as consequências da Covid-19, o isolamento social e o outro. Partimos do entendimento de que a materialidade da língua não nos garante o acesso a sua ordem, por isso, é fundamental fazermos intervir a história e a ideologia, para dar conta da historicidade dos sentidos. Dessa forma, procuramos refletir acerca de três questões norteadoras desta proposta, e finalizamos com o entendimento de que se trata de um discurso que evidencia a luta de classes.

Palavras-chave: Covid-19; Sentidos; Discurso; Luta de classes.

Abstract: With affiliation to the Discourse Analysis of tradition in Michel Pêcheux, we seek in this text to break with the effects' evidence of senses constructed about Covid-19, exposing the reader's gaze to the opacity of the senses. Here, in our view, is the role of language in reflecting on public issues in times of the pandemic: understanding the senses that are said about them, but also, and, above all, those that are not said and mean, (re) producing senses. For this, we bring to analysis, a cutting of a discourse representative of a privileged class in the capitalist production system in which we live, whose meaning effects textualize, in our opinion, their interests. Our

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), com bolsa CAPES (2018). Faz especialização à distância pela Faculdade de Educação São Luís (2018) no Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Política e Sociedade, e é membro do Laboratório de Estudos em Análise de Discurso (LEAD/UFPEL). Possui graduação em Letras com habilitação em Português e Inglês pela Universidade Católica de Pelotas (UCPEL) (2013), com bolsa CAPES/CNPq, mestrado em Letras: Linguística Aplicada pela mesma instituição de ensino (2014), com bolsa Dom Antônio Zattera pelo mérito de 1. aluna da classe com média acima de 9.0, e especialização em Docência no Ensino Superior pela Faculdade de Educação São Luís (2017). E-mail: naiaraa_souza@hotmail.com.

² Atualmente, é professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), campus Venâncio Aires. E-mail: marianajsouza@yahoo.com.br.

goal is to understand how subjects enrolled in an economically favored subject position signify the consequences of Covid-19, social isolation and the other. We start from the understanding that the materiality of the language does not guarantee us access to its order, so it is essential that we intervene in history and ideology, to account for the historicity of the senses. Thus, we seek to reflect on three guiding questions of this proposal, and we conclude with the understanding that it is a discourse that shows the class struggle.

Keywords: Covid-19; Senses; Discourse; Class struggle.

Submetido em 30 de janeiro de 2021.

Aprovado em 11 de março de 2021.

Palavras introdutórias

Os discursos sobre o novo Coronavírus, no Brasil, têm sido massivamente reproduzidos pelos veículos de informação. Muitos sentidos são produzidos em torno dessa doença por meio de processos discursivos que colocam em pauta, a nosso entender, as relações de força constitutivas de sociedades divididas em classes e organizadas a partir da exploração do trabalho.

Essa visibilidade atribuída à Covid-19 diz respeito à severa emergência de saúde pública devido à pandemia que se instaurou no mundo. A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 30 de janeiro de 2020, que o surto desta doença constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, isto é, o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional³.

Lippi (2020) salienta que a doença do novo Coronavírus é o risco biológico mais recente a assumir relevância como ameaça mundial, desde dezembro de 2019 quando identificada. Já em março de 2020, quando o estudo do autor foi desenvolvido, mais de 115.000 pessoas haviam sido infectadas em mais de 115 países diferentes, causando cerca de 4.000 mortes relacionadas.

Diante desse cenário, com o progresso do surto, no dia 11 de março de 2020, a Covid-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia, uma disseminação mundial cuja transmissão é causada de pessoa para pessoa, principalmente através de gotículas respiratórias, assemelhando-se à disseminação da gripe.

³ Fonte: Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 16/09/20.

Conforme lembra-nos Lippi (2020), não é a primeira vez, e, provavelmente, não será a última, que um surto viral se torna uma preocupação de saúde pública em nível mundial. Antes da Covid-19⁴, sofremos, em 2009, com a pandemia denominada gripe suína, causada pelo vírus H1N1, com o primeiro caso registrado no México. A OMS caracterizou a doença como pandemia após contabilizar 36 mil casos em 75 países. O fim dessa pandemia, decretado em agosto de 2010, registrou 187 países com casos positivos e quase 300 mil pessoas mortas.

Em que pese os dados quantitativos apresentados, comparações aqui não são realizadas entre uma situação e outra, pois, todas as vidas que perdemos até o momento, importam, com respeito a todas as famílias e cidadãos de diferentes países. Nessa posição que assumimos, a reflexão que apresentamos, a partir de nossa postura profissional na área da educação e de nossa filiação teórica na Análise de Discurso nos moldes dos estudos do filósofo Michel Pêcheux, busca compreender o jogo de forças envolvido na produção e na circulação de sentidos relacionados à pandemia da Covid-19.

Nesse contexto, observamos a emergência de atribuir sentidos a esse acontecimento histórico. Observamos os diferentes movimentos e processos que buscam significar a pandemia em seus variados aspectos e desdobramentos (sociais, políticos, econômicos, ideológicos etc). Esses movimentos invisíveis que se realizam na/pela estrutura da língua fazem trabalhar o acontecimento histórico e o trazem para o discurso “quando dizeres sobre ele começam a ser formulados e estes começam a produzir sentidos” (INDURSKY, 2003, p. 114).

Essa é a proposta do presente texto, somando-se a todos os colegas que se unem no afeto, na resistência e na práxis teórica por meio dos gestos de leitura e interpretação de sentidos que se movem na (in)visibilidade das práticas cotidianas nesse cenário público de crise sanitária. Sentidos esses que fazem girar o motor da ideologia tal como nos propõe Pêcheux (2010 [1990]).

Nesse fio que nos conduz, diante de temas públicos emergentes, tal como esse, nossa função social enquanto profissionais da área das Linguagens e da Educação está em desfazer as evidências de um texto compreendendo seus sentidos. Assim, discutindo o

⁴ Além desse exemplo, outros surtos de epidemia podem ser citados, tais como a Peste do Egito, a Peste Antonina, a Peste de Cipriano, a Peste de Justiniano, a Peste Negra e a Gripe Espanhola (SCHUELER, 2020).

papel da linguagem, podemos contribuir para a compreensão acerca do processo de discursivização do acontecimento histórico provocado pelo novo coronavírus, lembrando que a capacidade de compreensão e de expressão via linguagens é fator de cidadania, conforme salienta Sobral (2017). Logo, cabe-nos um trabalho ético, humano e sensível, principalmente, na reflexão do evento mais importante desse nosso tempo: a pandemia da Covid-19.

Dito isso, trazemos para a análise um recorte de uma fala produzida em um grupo privado de *WhatsApp* que vazou e repercutiu em diversos meios de comunicação. Trata-se de uma fala de Roberto Justus em resposta a Marcos Mion, ambos apresentadores de televisão na *RecordTv*. Tal fato aconteceu ainda no início da pandemia no Brasil, em 23 de março de 2020.

Nosso objeto de análise constitui-se de duas sequências discursivas (SDs)⁵ que entendemos ser representativas de um discurso que se relaciona à determinada classe social, precisamente, uma classe privilegiada no sistema de produção capitalista em que vivemos, cujos efeitos de sentido textualizam, a nosso ver, seus interesses.

Dentre as questões que nos inquietaram no recorte por nós empreendido está, primeiramente, o modo como essa classe social atribui sentido à pandemia da Covid-19, materializando por meio da língua, alguns sentidos e não outros. Destacamos, assim, em nosso gesto de leitura, a forma como sujeitos inscritos em uma posição-sujeito favorecida economicamente, significam as consequências da Covid-19, o isolamento social e o outro, este entendido como aquele que se encontra em uma posição social distinta, menos favorecida economicamente no sistema de produção em questão.

Para o desenvolvimento dessas reflexões, tomamos como questões norteadoras do nosso trabalho analítico, as seguintes:

- i. como os discursos construídos em relação à pandemia do novo Coronavírus evidenciam uma estrutura social desigual?
- ii. como os sentidos produzidos acerca da Covid-19 reforçam e naturalizam as relações de classe estruturantes da nossa sociedade?

⁵ Trabalhamos a noção de sequência discursiva de referência (sdr) como denominou Courtine (2009 [1981]) em sua tese. Segundo ele, a sdr, metodologicamente, é representativa de uma série de outras sequências que possuem similaridade no funcionamento discursivo em análise.

- iii. quais efeitos de sentido são (re)produzidos pela/na língua no discurso selecionado para análise?

Diante do até aqui exposto, para cumprirmos com nosso objetivo, a seguir, dividimos metodologicamente o presente texto em três seções: a primeira, destina-se a apresentar, ainda que de modo sucinto, a Análise de Discurso; a segunda, cumpre o papel de tratar da sociedade de classes; e a terceira, explicita nossa leitura, seguida das considerações finais.

1 Uma teoria materialista do discurso

Para situarmos a base teórica que sustenta a reflexão analítica proposta, acreditamos pertinente apresentarmos a Análise de Discurso (AD), uma teoria interpretativa que busca descrever e compreender a linguagem em funcionamento considerando o atravessamento da teoria da subjetividade, de natureza psicanalítica, na constituição do sujeito. Para tanto, a relação língua-história-ideologia é considerada constitutiva de todo o dizer.

Michel Pêcheux, seu precursor, institui, assim, uma teoria que se propõe a pensar a determinação histórica dos processos de significação. Em suas palavras,

Ora, eis o ponto preciso que surge, a nosso ver, a necessidade de uma teoria materialista do discurso; essa evidência da existência espontânea do sujeito (como origem ou causa de si) é imediatamente aproximada por Althusser de uma outra evidência, presente, como vimos, em toda a filosofia idealista da linguagem, que é a evidência do sentido (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 139, explicação do autor).

Nessa perspectiva teórica, a evidência do sujeito e do sentido pressuposta nas teorias idealistas é discutida pelo autor quando aponta o paradoxo pelo qual o sujeito é chamado à existência; a resposta “sou eu” à pergunta “quem é?”, por exemplo, é sustentada em um “teatro da consciência” em que o sujeito acredita que pensa, fala, vê e ouve, apagando o fato de que “se fala do sujeito e que se fala ao sujeito” muito antes que ele possa dizer “sou eu”, “eu falo”.

Dessa forma, é necessário entendermos que a ideologia, em termos althusserianos, representa a relação imaginária dos indivíduos com as relações materiais sob as quais vivem em determinada relação de produção. É nesse viés que o sujeito se reconhece como “eu” e que a constituição de sua identidade se relaciona ao processo de interpelação ideológica que, além de garantir a constituição de uma ilusória identidade impecável,

sempre corrobora a manutenção das condições de produção relacionadas à determinada ideologia.

Nesse caso, quando tratamos do discurso do sujeito Roberto Justus, não estamos nos referindo ao sujeito empírico, mas, à posição que ele assume na formação social a qual imaginariamente se inscreve, que resulta da sua identificação com determinados pressupostos ideológicos. E é essa modalidade discursiva de identificação que nos permite compreender como alguns sentidos são (re)produzidos sob a forma de evidência por esse sujeito.

Sendo assim, observar os processos de identificação através das práticas discursivas nos permite compreender a dominação ideológica, pois evidencia o jogo de forças para manter a estrutura de desigualdade-subordinação nas práticas sociais ou, nas palavras de Pêcheux (2009 [1988]):

A dominação da ideologia (da classe) dominante, que é caracterizada, no nível ideológico, pelo fato de que a reprodução das relações de produção ‘subjuga’ sua transformação (opõe-se a ela, freia ou a impede), corresponde, pois, menos à manutenção do idêntico de cada ‘região’ ideológica considerada em si mesma do que a reprodução das relações de desigualdade-subordinação entre essas regiões [grifos do autor] (2009 [1988], p. 132).

Significa que a ideologia dominante age para a manutenção das relações de produção existentes, para que as relações de desigualdade-subordinação se mantenham e para opor-se ou frear os movimentos de transformação dessas relações. A nosso entender, pensando na sociedade de classe que se sustenta na exploração do trabalho, essa questão se relaciona à dicotomia econômica estrutural das relações de produção, rico e pobre, o trabalhador e o dono dos meios de produção.

Diante desse específico panorama teórico, nós, enquanto analistas de discurso, assumimos a tarefa de compreender o funcionamento da linguagem em uso. Para tanto, empreendemos um trabalho teórico-metodológico em que a língua é entendida como base material do discurso e, assim vista, é trabalhada como processo discursivo, inscrito na história, cujo funcionamento está ligado às condições de produção e ao sujeito, este duplamente afetado, pela ideologia, como citamos, e, também, pelo inconsciente.

Dessa forma, partimos do pressuposto basilar de que não há sentido evidente porque as palavras são revestidas de opacidade, nem o sujeito é intencional. Os sentidos, os sujeitos e os discursos não são transparentes, pois estão submetidos às determinações histórico-sociais. Observada a identificação do sujeito enunciador com determinados

pressupostos ideológicos, acreditamos que o estudo da atribuição de sentidos à pandemia da Covid-19, nesse discurso, pode nos possibilitar a compreensão do funcionamento ideológico da sociedade brasileira contemporânea, que é uma sociedade dividida em classes E, assim, produzidos tais sentidos a partir de determinada posição-sujeito, evidencia-se uma estrutura social desigual, uma questão que norteia o presente texto.

2 Sobre a sociedade de classes

Nesse sentido, o materialismo histórico nos dá o respaldo necessário para entendermos a luta de classes como parte da realidade material das condições materiais de existência da nossa sociedade, as quais determinam todo o funcionamento social. Nesse caso, os sentidos são determinados pelas condições materiais a partir das quais são produzidos.

Marx e Engels (2009 [1848], p. 07), em *O manifesto Comunista*, afirmam que “a história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história da luta de classes”. Ou seja, a luta de classes é uma realidade material que estrutura as relações sociais, e, embora os antagonismos tenham sido revestidos de formas diferentes em cada época, a característica da exploração de uma parte da sociedade por outra, é sempre comum

Atentando-nos, então, para a luta de classes, entendemos que as relações sociais se estruturam a partir do par dominação/subordinação e isso se reflete nos discursos, nos sentidos produzidos em sociedade, uma vez que o discurso é considerado como parte do funcionamento social geral (cf. ORLANDI, 2011). E a reprodução das condições materiais de produção, com base nos pressupostos althusserianos, coloca em causa as evidências da própria prática que “estão de tal maneira embutidas na nossa ‘consciência’ cotidiana” (ALTHUSSER, 1970, p. 10), que é difícil observá-las.

Sendo assim, toda a formação social estrutura-se num modo de produção dominante, em que o processo de produção põe em movimento as forças produtivas existentes e as relações de produção que são definidas. A reprodução das forças produtivas dá-se pela reprodução da força de trabalho e essa reprodução é assegurada pelo salário, sua condição material. E nessas características, temos o funcionamento das categorias rico/pobre, representativas de nossa estrutura social desigual.

Apresentadas as duas seções teóricas que julgamos essenciais para o desenvolvimento da próxima, segue uma possibilidade de leitura, já que entendemos que a interpretação sempre pode ser outra, porém, não pode ser qualquer uma.

3 Uma possível análise

A leitura de acordo com a Análise de Discurso é entendida como um gesto de interpretação, ou seja, como um processo de construção e de (des)construção do texto, ou melhor, do objeto de análise. Essa perspectiva é desenvolvida por Indursky (2001) quando explicita que o objetivo do analista ao realizar seu gesto de interpretação está em desfazer o efeito de completude do texto, desestabilizando a evidência de sentidos e trabalhando com uma leitura capaz de compreender aquilo que é dito, mas, também, capaz de reconhecer as ausências, os não-dito e o silêncio do discurso-outro. A partir disso, pensamos aqui uma prática de leitura que consiste em um trabalho de construção/desconstrução/construção do nosso objeto de análise: duas sequências discursivas representativas do discurso do sujeito enunciador Roberto Justus.

Conforme escreve Pêcheux (2012, p. 44), “o princípio dessas leituras [em AD] consiste, como se sabe, em multiplicar as relações entre o que é dito aqui (em tal lugar) e, dito assim e não de outro jeito, com o que é dito em outro lugar e de outro modo” [acréscimo nosso]. Sendo assim, buscamos compreender quais sentidos podem emergir das palavras do sujeito enunciador, lembrando que o processo de formulação desse discurso mexe na rede de filiações de sentidos, em que se cruzam o eixo vertical, da materialidade histórica, com o eixo horizontal, da materialidade linguística. O cruzamento desses dois eixos, vertical e horizontal, faz atualizar os sentidos seja na ordem do repetível, seja na ordem do inesperado, e são esses sentidos acerca da pandemia da Covid-19 que são (re)produzidos em nossa sociedade.

Dito isso, vejamos as sequências discursivas que compõem o nosso recorte analítico:

- **SD1:** [...] *Você está preocupado com os mais pobres? Você vai ver a vida devastada da humanidade na hora do colapso econômico, da recessão mundial, dos pobres não terem o que comer, das empresas fecharem, do desemprego em massa, não dá pra comparar com um viruzinho que é uma gripezinha leve pra 90% das pessoas, não dá pra*

comparar com esse *desastre* que vai ser [...] [grifos nossos] (PADIGLIONE, 2020).

- **SD2:** [...] Na pessoa saudável, zero, e os *pobres não são todos doentes*. Na favela não vai acontecer porra nenhuma *se entrar o vírus*, pelo contrário. *Criança então, zero a dez, nenhum caso. Isso não é grave, grave vai ser a recessão global* como nunca vista na história, nem no crash de 29 [...] [grifos nossos]” (PADIGLIONE, 2020).

Pelo gesto de leitura empreendido, acreditamos necessário retomarmos, inicialmente, que os processos discursivos não têm origem no sujeito enunciador, mas na Formação Discursiva (FD) com a qual esse sujeito se identifica, pois, é a FD “determinada pelo estado da luta de classes, [que] determina o que pode e deve ser dito” [acréscimo nosso] (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 147), numa conjuntura dada.

Ou seja, levamos em consideração o sujeito enunciador R. Justus enquanto posição-sujeito (P-S), esta entendida como um lugar de significação construído historicamente, e, desse modo, não estamos tratando de sua presença física, nem de lugares objetivos na estrutura social. Na verdade, partimos do pressuposto de que a P-S é um lugar social, um efeito de interpelação, representado no/pelo discurso.

Ao tomar uma posição, então, o sujeito enunciador relaciona-se com a Formação Discursiva que, neste caso, acreditamos ser representativa de saberes e interesses do âmbito empresarial (dos detentores dos meios de produção no sistema capitalista); e, nas possibilidades do dizer, mobiliza, no interior dessa FD, alguns sentidos, um enunciado dizível, com o qual estrutura a sequência discursiva, (re)produzindo sentidos “x” com respeito à Covid-19 através de sua identificação. Isto quer dizer, a nosso ver, que os sentidos construídos acerca do ao novo Coronavírus pelo sujeito em questão, funcionam de maneira a reforçar e naturalizar as relações de classe estruturantes da nossa sociedade a partir da sua posição enquanto sujeito enunciador.

Ainda que não se dê conta desse funcionamento, próprio dos esquecimentos necessários a ele, esse sujeito está assujeitado à FD e, ao materializar seu discurso na/pela língua, textualiza no nível intradiscursivo, isto é, na materialidade linguística, os interesses sociais, econômicos e políticos constitutivos de uma formação ideológica (FI) capitalista e de uma posição privilegiada no sistema de produção.

Nesse entendimento, com respeito a SD1, primeiramente, buscamos compreender a atribuição de sentido pelo sujeito enunciador, de acordo com algumas pistas linguísticas que destacamos a partir de nossa leitura e, diante desse gesto, o ponto que gostaríamos de marcar, que acreditamos ser o eixo de nossa análise, diz respeito às formas de representação do “eu”, do “tu” e do “ele”.

No enunciado, por exemplo, “*Você está preocupado com os mais pobres?*” (SD1, grifos nossos), podemos observar o posicionamento do sujeito enunciador quando se dirige ao seu interlocutor (você, aquele com quem se fala) referindo-se aos pobres (ele, aquele de quem se fala). Esse funcionamento discursivo aponta para o que estamos entendendo como um modo de representação excludente realizado pelo sujeito enunciador, que, ao se distanciar do outro, precisamente, do sujeito pobre, produz um efeito de sentido que recupera o antagonismo entre classes. Dito de outra maneira, a partir da disjunção entre o sujeito enunciador e o pobre, constrói-se o par antagônico eu/outro, em que o eu, sujeito enunciador, é significado de modo diametralmente oposto ao outro, que surge no discurso como “o pobre”. Dessa forma, o sujeito enunciador coloca-se numa posição, no sistema de produção, materialmente superior ao sujeito representado como pobre e, assim, instaura nesse discurso o par antagônico: rico/pobre.

Para nós, de acordo com os pressupostos teóricos da AD, ao se representar por meio do “eu”, o sujeito enunciador produz um efeito de sentido como se ele não fosse afetado pela ilusão que o sujeito tem de “eu sei o que eu digo, eu sei o que eu penso, eu sei o que eu falo”, como se fosse origem e senhor do seu dizer, um funcionamento que relaciona os dois esquecimentos necessários a ele para que interprete e se posicione.

E é essa ideia contrária a de um sujeito pleno que contribui para a compreensão dos efeitos de sentido provocados quando esse sujeito enunciador do discurso que trazemos, inserido em práticas cotidianas, representa-se por meio da primeira pessoa do singular, “eu”, dirigindo-se a um “tu”, um sujeito inscrito na mesma FD, a respeito de um “ele”, uma terceira pessoa, um sujeito inscrito numa FD distinta.

Assim entendido, o sujeito enunciador posiciona-se de acordo com o imaginário que tem de si, de seu interlocutor e do outro. E essas formas de representação imaginária, que trazemos como eixo de nossa proposta, contribuem para que possamos observar a estrutura material de nossa sociedade, que se trata de uma divisão desigual de classes cujo antagonismo é materializado nas práticas discursivas cotidianas, ou seja, por meio do

discurso que ao se movimentar vai naturalizando e reforçando alguns sentidos e estereótipos como os de classe, nosso foco. Nesse caso, o uso da categoria “pobre”, relacionada à definição de classe social, no enunciado acima, especifica e adjetiva o sujeito outro, como aquele sujeito que está inscrito em outra posição-sujeito diferente e inferior da posição-sujeito à qual o sujeito enunciador imaginariamente se inscreve.

Em síntese, esse termo utilizado pelo sujeito enunciador para se referir ao outro produz efeitos de sentido pejorativos. Pensando num exercício parafrástico, por que o sujeito enunciador não utilizou o termo “pessoas”, formulando o enunciado: “Você está preocupado com *as pessoas*?”. Talvez porque no termo “pessoas” irrompe um sentido diferente, num espaço fortemente regido pela simbolização das relações de poder.

Não podemos perder de vista assim, que “todo dizer é ideologicamente marcado” (ORLANDI, 2012, p. 38) e é na língua, diante do nosso recorte, que a ideologia se materializa, nas palavras do sujeito enunciador. Se não há sentido sem repetição, tal como aponta Orlandi (2012), sem sustentação num saber discursivo, ao utilizar “pobre” e não “pessoas”, o sujeito recupera no fio do seu dizer as relações de produção, “de todo modo de produção que se baseia numa divisão em classes, isto é, cujo ‘princípio’ é a luta de classes” (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 130, grifos do autor). Isso significa afirmar que a luta de classes atravessa o modo de produção, ou seja, as relações e as práticas dos sujeitos.

O segundo ponto que destacamos das considerações do sujeito enunciador, refere-se à importância dada à economia em detrimento da vida. Isto pode ser observado através do sintagma “colapso econômico”, no enunciado “*Você vai ver a vida devastada da humanidade na hora do colapso econômico, da recessão mundial*” (SD1, grifos nossos). De acordo com a nossa interpretação, ao utilizar o termo “colapso”, o sujeito enunciador intensifica as consequências negativas para o mercado econômico, decorrentes do isolamento social.

Se, talvez, ele utilizasse o termo “desordem”, no eixo parafrástico, para formar o sintagma “desordem econômica”, não produziria o mesmo efeito de sentido, tampouco semelhante. Pois, “colapso” caracteriza-se por uma redução brusca de eficiência, no caso extremo de que a economia está em crise e está prestes a acabar. Já “desordem” produz um efeito de sentido mais ameno, de algo que está em desalinho, mas, logo, pode ser reorganizado.

Então, nas possibilidades de atribuição de sentido, ao utilizar o sintagma “colapso econômico”, o sujeito enunciador traz para o fio do seu discurso um sentido mais negativo ao isolamento do que a própria pandemia, intensificando a importância do trabalho e valorizando o sistema capitalista ao invés de preocupar-se com os trabalhadores que estão sujeitos à contaminação, e, dessa forma, entendemos que esse funcionamento reforça justamente as relações de classe.

A dicotomia aqui se instaura entre economia e vírus, e o efeito de sentido que é produzido favorece o capital, por meio de um processo de comparação, já que se trata de um “colapso”, e promove a circulação de sentidos que significam o isolamento social como pior do que o próprio vírus da Covid-19.

Como já escrito, Marx e Engels (2009 [1848], p. 07), alertavam-nos, já em suas primeiras palavras, para a existência da luta de classes. E continuam,

Nas primeiras épocas históricas, verificamos, quase por toda a parte, uma completa divisão da sociedade em classes distintas, uma escala graduada de condições sociais. [...] e, em quase que em cada uma destas classes, novas divisões hierárquicas. A sociedade burguesa moderna, que brotou das ruínas da sociedade feudal, não suplantou os velhos antagonismos de classe. Ela colocou no lugar novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta. Entretanto, a nossa época – época da burguesia – caracteriza-se por ter simplificado os antagonismos de classe (MARX; ENGELS, 2009 [1848], p. 07-08).

Se há a simplificação dos antagonismos de classe na sociedade em que vivemos, conforme entendem Marx e Engels (2009 [1848]), e concordamos com eles, com essa crise sanitária que assolou o país no ano de 2020 e que perdura até o presente momento, a dualidade rico/pobre parece ter tomado outra proporção, a nosso ver, estendendo-se para além da categoria econômica, refletindo diretamente em questões de saúde pública, o que antes parecia não ser tão explícito.

Podemos, assim, pensar que o terceiro ponto que julgamos necessário ser levado em consideração nessa sequência discursiva (SD1), trata-se dos sintagmas lexicais *desastre versus viruzinho/gripezinha*, que, pelo nosso olhar, se relaciona ao par economia/saúde retomando-o e fazendo ressoar os pressupostos ideológicos do par rico/pobre.

O primeiro termo por si só (desastre) já produziria determinado efeito de sentido, isto é, pelo viés da memória discursiva recuperaria sentidos já-ditos com relação ao prejuízo da economia no Brasil diante das regras de isolamento e/ou de distanciamento

social, recomendadas pela OMS, que afetaria, segundo o sujeito enunciador, diretamente os pobres, com a “*vida devastada da humanidade [...], dos pobres não terem o que comer*” (SD1, grifos nossos). Mas, claro, que se trata também, ainda que de modo subentendido, das perdas de sujeitos inscritos na mesma FD do sujeito enunciador, conforme será aprofundado na análise da próxima sequência discursiva.

Nessa estratégia discursiva de implicitação, uma forma de não-dizer, o sujeito enunciador “diz sem dizer”, tal como nos ensina Ducrot (1977). Um recurso utilizado para que se possa afirmar algo sem assumir a responsabilidade de ter dito. No caso, o posto “*esse desastre que vai ser*” (SD1, grifo nosso), traz consigo o pressuposto de que a vida devastada e o próprio desastre não estão relacionados às consequências de uma doença que já levou milhões de pessoas a óbito, mas, ao colapso econômico, à recessão mundial, às empresas fecharem, ao desemprego em massa, logo, ao seu prejuízo enquanto sujeito inscrito na P-S de empregador, de quem detém os meios de produção e fica sem produzir.

Além do exposto, podemos observar também os sufixos “inho” e “inha” utilizados pelo sujeito enunciador nos sintagmas “viruzinho” e “gripezinha”. O diminutivo pode significar diferentemente de acordo com o contexto em que é utilizado, portanto, sua função não deve ser considerada apenas como um modo de representação das questões relativas ao tamanho do objeto de que se fala.

Ao utilizar os substantivos “vírus” e “gripe” marcados pelo grau “diminutivo”, “viruzinho” e “gripezinha”, respectivamente, no caso em análise, o sujeito enunciador, em nosso entendimento, posiciona-se com desprezo, com preconceito ao outro sujeito do sistema de produção, o pobre. Nessa circunstância, reparamos que são produzidos e reforçados, constantemente, sentidos negativos que evidenciam a falta de solidariedade e empatia com relação a esse outro nesse contexto social que vivemos.

Sentidos esses que são naturalizados e estabilizados, sendo uma evidência que a FD a qual esse sujeito se inscreve, impõe. O que nos preocupa, nesse aspecto, diz respeito à exclusão, à divisão, à violência e ao preconceito que tais efeitos de sentido podem significar quando os sujeitos se subjetivam e transitam pelas ruas das cidades de nosso país, visto que o lugar social em que o sujeito enunciador está inscrito lhe permite enunciar tanto para seus semelhantes quanto para sujeitos que ocupam outros lugares sociais.

Adiante, na SD2, entendemos que há um *continuum* no processo de significação da relação eu/outro em termos disjuntivos que instaura uma dicotomia determinada por

questões de ordem econômica e, por isso, representada também pelo par rico/pobre ou empregador/trabalhador. Retomamos a referida sequência para, na análise que segue, compreender seu funcionamento.

- **SD2:** [...] Na pessoa saudável, zero, e os *pobres não são todos doentes*. Na favela não vai acontecer porra nenhuma *se entrar o vírus*, pelo contrário. Criança então, zero a dez nenhum caso. *Isso não é grave, grave vai ser a recessão global* como nunca vista na história, nem no crash de 29 [...]” (PADIGLIONE, 2020) [grifos nossos].

A partir do antagonismo estabelecido por meio da dicotomia eu/outro ou rico/pobre, o sujeito enunciador significa no fio do seu discurso a situação social gerada pela Covid-19 como algo que atingiria apenas o outro (o pobre, o trabalhador). Em razão disso, no nível da formulação, o sujeito enunciador mostra-se preocupado em não permitir que o outro seja prejudicado. Contudo, os efeitos de sentido produzidos em seu discurso referem-se, tão somente, às consequências econômicas geradas por esse contexto social de crise sanitária global. Ou seja, o vírus é significado, nesse discurso, apenas em relação ao “desastre”⁶ econômico que pode provocar.

Sendo assim, se levássemos em conta somente o que o sujeito enunciador traz no nível intradiscursivo, poderíamos entender que o outro/pobre não seria afetado pelo vírus (é dizer: pelos efeitos econômicos do vírus)⁷, podendo, inclusive, expor-se ao contágio quando não obedece aos parâmetros de afastamento e/ou distanciamento social para trabalhar e manter a economia funcionando.

Dito de outra forma, para que ele (o pobre) não seja atingido negativamente pela pandemia, é necessário que esse sujeito continue trabalhando e, assim, a economia continuaria funcionando em sua capacidade plena. Isso evitaria, conforme a perspectiva do sujeito enunciador, a recessão global e evitaria, também, prejuízos para o sujeito outro, o qual imaginariamente representa, nesse discurso, uma posição social desprivilegiada em nosso sistema de produção.

⁶ Para retomar um termo empregado na SD1.

⁷ Importa reiterar que, em nosso gesto analítico, entendemos que o vírus é significado no discurso analisado apenas em relação aos desdobramentos econômicos que provoca, sendo as questões relacionadas à saúde pública ignoradas ou apagadas, numa direção de sentidos que busca minimizar a pandemia da Covid-19.

Tal aspecto pode ser observado no enunciado: “*Isso* não é grave, grave vai ser a recessão global” (SD2, grifo nosso). O pronome demonstrativo “*isso*” retoma as ideias relacionadas ao vírus, à pandemia, à possibilidade de contaminação na favela e surge em contraposição à ideia de uma grave recessão global. Por meio dessa oposição, as duas ideias são comparadas e o sujeito enunciador traz para o seu discurso a “recessão global” de modo a intensificar seus sentidos negativos face à Covid-19.

O uso do termo “*isso*” faz significar a pandemia como algo tão pequeno que sequer precisa ser nomeado. Assim, no âmbito dos saberes da rede discursiva a qual se filia o sujeito enunciador, a situação que vivenciamos a nível global, pode e deve ser tratada genérica e evasivamente como “*isso*”. Há, nesse modo de atribuição de sentidos, efeitos que minimizam a pandemia e maximizam os efeitos econômicos dela decorrentes.

Outra marca desse modo de significar a crise sanitária em questão, conforme nossa análise, é o uso da conjunção condicional “*se*” no enunciado “*se* entrar o vírus” (SD2, grifo nosso). A nosso ver, com essa formulação, o vírus não é tratado como uma realidade, uma certeza, no âmbito dessa rede discursiva, ao contrário, é uma possibilidade, um acaso. Assim, o uso dessa conjunção é outro recurso linguístico que se soma ao processo de significação da Covid-19 e de suas consequências sociais.

Para esse processo discursivo, o vírus não é nada além de uma incerteza, de uma hipótese de danos à saúde de poucos: “Na pessoa saudável, zero”, “Criança então, zero a dez nenhum caso” (SD2). Em outras palavras, essa possibilidade não é significada como condição suficiente para o isolamento social, para adoção de condutas coletivas de proteção diante do risco de contaminação com a Covid-19.

Dessa forma, observamos que os sentidos produzidos em torno do vírus, nesse discurso, buscam representá-lo como algo de menor importância, numa direção de significação que busca negar a gravidade e, possivelmente, sua própria existência. Esse processo de significação é perpassado pela ideia de que não é necessário parar a economia, porque a pandemia sequer é entendida como uma realidade material.

Seguindo essa perspectiva discursiva, nessa formulação está subentendida uma pergunta: por que é possível que o outro/pobre não seja afetado pela pandemia? E, então, temos a resposta no fio do discurso: “Na pessoa saudável, zero, e os pobres não são todos doentes” (SD2). A conclusão do sujeito enunciador é de que os pobres saudáveis devem continuar a vida normalmente como se não houvesse uma pandemia: devem trabalhar. A

produção não pode parar, sob pena de haver uma “recessão global como nunca vista na história, nem no crash de 29” (SD2, grifo nosso).

Dito de outra forma, pensando-se na sociedade de classe, temos essa conclusão posta nos seguintes termos: as relações materiais devem ser mantidas tal como estão e cada categoria deve permanecer em seu lugar: o pobre trabalha e o rico explora a força de trabalho do pobre.

Sendo assim, observamos que, no nível intradiscursivo, o sujeito enunciador mostra-se preocupado com o outro, com a possibilidade “dos pobres não terem o que comer” e “do desemprego em massa” (SD2). Contudo, ao verticalizar nosso olhar analítico e observarmos o nível interdiscursivo, passamos a considerar as condições de produção, a posição-sujeito e a FD que regula esse discurso. A partir disso, podemos entender que se instaura, nesse discurso, um funcionamento cínico relacionado diretamente à dissimulação de elementos do interdiscurso de uma FD que, conforme já referimos, representa saberes de uma classe privilegiada no sistema de produção capitalista em que vivemos.

Nesse viés, apoiamo-nos nas considerações de Vinhas (2019) quando trata do processo de interpelação ideológica e do cinismo em AD, na medida em que a autora nos chama atenção para a lógica: *eles sabem muito bem o que estão fazendo, mas, mesmo assim, o fazem*, proposta por Sloterdijk a partir de Žižek (cf. VINHAS, 2019, p. 33). Em suas palavras:

O sujeito, na sociedade de produção, recalca as relações de exploração; já na sociedade de consumo, ele reconhece essas relações, denega (recusa) essa existência e goza com o sofrimento do explorado. A identificação com uma formação discursiva é acompanhada de uma recusa, e entendemos essa recusa como um funcionamento de identificação forjada, uma forjadura, materialmente fabricada naquilo que diz via esquecimento n. 2 (VINHAS, 2019, p. 34).

Trazendo as reflexões de Vinhas (2019) para nosso gesto analítico, podemos reparar como opera a forma cínica do funcionamento da ideologia dominante no discurso em análise. Pois, no processo de atribuição de sentidos à pandemia e seus desdobramentos, o sujeito enunciador coloca-se cinicamente numa posição de quem não depende da estrutura socioeconômica de produção. Ou seja, é como se apenas o sujeito outro (o pobre) dependesse do pleno funcionamento da economia e apenas ele fosse

prejudicado se houvesse uma “recessão global como nunca vista na história, nem no crash de 29” (SD2).

Nosso gesto analítico justifica-se, por considerarmos, amparadas no estudo de Vinhas (2019), que o cinismo é, em nossa formação social capitalista, um modo de funcionamento da ideologia dominante que explicita as formas de exercícios do poder nas relações de dominação-subordinação. Então, esse cinismo pode ser formulado nos seguintes termos: a economia não deve parar, por isso, o pobre deve continuar trabalhando; se o pobre parar de trabalhar, a economia para; se a economia para, o rico será afetado. Dessa forma, o funcionamento desse discurso nos mostra que, em última instância, apenas o pobre deve ser atingido pela Covid-19 ao continuar trabalhando e, com isso, o rico ficaria imune aos prejuízos decorrentes da pandemia, uma vez que continuaria lucrando normalmente.

É esse cinismo que permite

[a]o sujeito se posicionar como legislador e gozar a partir da angústia do outro. Entendemos, então, que a razão cínica permite ter consciência e, mesmo com consciência, manter a exploração como forma de gozar a partir do sofrimento do outro sobre o qual se legisla em uma sociedade de fraqueza das instituições e de aparência democrática (VINHAS, 2019, p. 34).

Em resumo do que foi apresentado, os efeitos de sentido produzidos nesse discurso orientam-se para uma mesma direção: nesse jogo de forças entre rico/pobre (nós/eles; eu/outro; donos dos meios de produção/dependentes dos donos dos meios de produção; empregadores/trabalhadores) para o funcionamento normal das relações de dominação, apenas o pobre deve sofrer as consequências negativas da pandemia. Assim, o rico ficaria blindado: protegeria sua saúde do vírus e continuaria lucrando com trabalho do sujeito outro.

Diante das análises apresentadas, entendemos que se trata de um discurso que evidencia a luta de classes. Todo o discurso é construído a partir do antagonismo entre essas classes: de um lado são representados os detentores dos meios de produção (rico, eu, nós) e, de outro, os que dependem dos meios de produção (pobre, outro, eles)⁸. E essa

⁸ A dicotomia que atravessa todo o discurso em análise pode ser formulada de diferentes formas: eu/outro; nós/eles; ricos/pobres; detentores dos meios de produção/dependentes dos meios de produção.

relação emerge no fio do discurso excessivamente, mesmo que a partir de funcionamentos discursivos diferentes.

Pensamos que a suposta preocupação do sujeito enunciador mascara a luta de classes, a dominação de uma classe sobre a outra, e expõe a crueldade dessa dominação por meio da indiferença frente à possibilidade de contágio e a potencial morte em decorrência da Covid-19. Se o pobre trabalhar normalmente, as relações de produção se perpetuam, o sistema econômico não para e a dominação de uma classe sobre a outra continua. O *status quo* não é alterado pelo vírus.

Do exposto, conforme os saberes dessa rede discursiva, podemos compreender que o proletariado serve para trabalhar, sua função exclusiva é o trabalho, é manter o funcionamento da economia. E para que toda essa estrutura socioeconômica funcione normalmente, não lhe é permitido parar para cuidar da saúde e se isolar para o combate ao vírus.

Palavras finais

Como últimas palavras, lembramos que ler é mergulhar numa teia discursiva invisível que se constitui por sentidos já-ditos, significados que se movimentam e circulam, retornando às palavras do sujeito com determinada carga semântica (cf. INDURSKY, 2001). Nessa linha teórica, buscamos romper com os efeitos de evidência, expondo o olhar leitor à opacidade do texto (nosso objeto de análise), promovendo outra maneira de ler a materialidade significativa. Eis o papel da linguagem na reflexão sobre temas públicos em tempos pandêmicos: compreender os sentidos que são ditos a respeito da pandemia, mas, também, e, sobretudo, aqueles que não são ditos e significam, (re)produzindo sentidos.

Para tanto, partimos do entendimento de que a materialidade da língua não nos garante o acesso a sua ordem, por isso, é fundamental fazermos intervir a história e a ideologia para dar conta da compreensão dos efeitos de sentido. Assim, é com o reconhecimento da historicidade que podemos pensar no funcionamento da ideologia, sendo a interpretação necessária para que compreendamos os processos discursivos.

Dito isso, salientamos que o discurso analisado materializa o antagonismo entre as posições-sujeito representadas pelo sujeito enunciador e pelo sujeito outro. A partir desse funcionamento disjuntivo, instaura-se nesse discurso a dicotomia rico/pobre,

eu/outro, por meio da atribuição de sentidos que movimentam o motor da ideologia. Nesse ponto, o discurso construído em relação ao novo Coronavírus pelo sujeito enunciador evidencia uma estrutura social desigual, cujos efeitos emergem nas/pelas pistas linguísticas que destacamos para análise, reforçando a divisão de classes e a dominação de uma pela outra.

Ou seja, a partir da materialidade discursiva, podemos analisar que a pandemia pode sim provocar consequências distintas para cada polo dessa relação dicotômica e é assim que deve funcionar. Dessa forma, subjaz a esse funcionamento discursivo a naturalização das desigualdades materiais que fazem com que ricos e pobres vivam a pandemia de forma bastante distinta. Uns podem cuidar da sua saúde, outros devem trabalhar.

Para nós, as duas sequências discursivas reforçam sentidos já produzidos que visam além da manutenção das relações de desigualdade-subordinação, a naturalização de um sistema social excludente em que o direito à saúde não é uma realidade material que se apresenta de modo igual para todos.

Sendo assim, entendemos o discurso analisado como uma forma de materialização das desigualdades sociais e de um funcionamento cínico e excludente em relação ao acesso aos direitos mínimos do cidadão, como, por exemplo, à saúde no que tange ao cuidado e prevenção de doenças. Dessa forma, com o nosso gesto de análise, procuramos refletir acerca de três questões que entendemos como norteadoras desta proposta e finalizamos o presente texto com a ilusão de fechamento, na medida que reconhecemos que o estudo não inicia nas primeiras palavras que inauguram a redação e tampouco se encerra na pontuação que o termina.

Referências

ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Presença, 1970. THUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Presença, 1970.

COURTINE, J-J. *Análise do Discurso: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Tradução de Bacharéis em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. São Carlos: EdUFSCar, 2009 [1981].

DUCROT, O. *Dizer e não dizer*. Princípios de Linguística Semântica. São Paulo: Cultrix, 1977.

INDURSKY, F. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura. In: ERNST-PEREIRA, A.; FUNCK, S. (org.). *A leitura e a escrita como práticas discursivas*. Pelotas: Educat, 2001.

INDURSKY, F. Lula lá: estrutura e acontecimento. *Organon*, v. 17, n. 35, p. 101-121, 2003.

LIPPI, G. *et al.* The critical role of laboratory medicine during coronavirus disease 2019 (COVID-19) and other viral outbreaks. *Clinical Chemistry and Laboratory Medicine*, March 4, 2020. Tradução do Programa de Voluntariado Acadêmico do Curso de Medicina da Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <http://www.toledo.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2020/04/O-papel-crucial-da-medicinalaboratorial-durante-a-doen%C3%A7a-do-coronav%C3%ADrus-2019-COVID340.docx-compactado.pdf>. Acesso em: 08 set. 2020.

MARX, K.; ENGELS, F. *O manifesto comunista*. Tradução de Ridendo Castigat Moraes. São Paulo: Fonte Digital. 2009 [1848].

ORLANDI, E. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

ORLANDI, E. *Análise de Discurso – princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PADIGLIONE, C. Justus explica áudio em que chama novo coronavírus de ‘gripezinha’. *Folha de S.Paulo*, Telepadi, 23 mar. 2020 às 15:15. Disponível em: <https://telepadi.folha.uol.com.br/justus-explica-audio-seu-sobre-ressalvas-a-quarentena-pelo-coronavirus/>. Acesso em: 31/03/2020.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009 [1988].

PÊCHEUX, M. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 4. ed. Organização de Françoise Gadet e Tony Hak. Tradução de Bethania Mariani et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010 [1990].

SCHUELER, P. O que é uma pandemia. *Fiocruz*. Notícias e Artigos, 14 out. 2020. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma%20pandemia#:~:text=Segundo%20a%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20pandemia%20C3%A9,sustentada%20de%20pessoa%20para%20pessoa>. Acesso em: 16 fev. 2021.

SOBRAL, A. O que faz um profissional de Letras? 23 fev. 2017. Blog: *Blog da Parábola Editorial*. Disponível em: <https://www.parabolablog.com.br/index.php/blogs/o-que-faz-um-profissional-de-letas>. Acesso em: 16 fev. 2021.

VINHAS, L. Processo de interpelação ideológica e cinismo na pesquisa em Análise do Discurso. *Revista Letras Raras*, v. 8, n. 2, p. 29-40, 2019.